

# Liberal Humanism as an Ideology of Social Control: the regulation of lesbian identities **3**

---

Resumo e comentários de Oswaldo M. Rodrigues Jr.<sup>1</sup>

KITZINGER, C. Liberal humanism as an ideology of social control: the regulation of lesbian identities. *In*: Shotter, J.; Gergen, K. J.: *Texts of identity*. London, Sage Publications, 1992.

A autora discute a identidade da lésbica, iniciando a análise com a definição de uma feminista lésbica radical, Jill Johnston (1973): “Identidade é o que você pode dizer o que concorda que digam que você possa ser”. A Identidade não é um produto livremente criado pela introspecção ou por reflexões desproblematizadas sobre a área sagrada e privada do “self interior”, mas é concebida dentro de certos enquadramentos ideológicos construídos pela ordem social dominante (patriarcal) para manter seus próprios interesses.

Historicamente, a identidade de lésbica surge no final do século XIX e início do século XX com o contexto sócio-político da primeira onda do feminismo. Antes da virada do século, tem-se a criação sexológica da lésbica como um tipo “especial” de pessoa definida por uma “essência”, sem a qual a lésbica, enquanto identidade específica, não poderia existir. A sexologia do início do século, em resposta ao ataque político efetivado pelo avanço das sufragetes, age em duas frentes, tentando empurrar as mulheres de volta à heterossexualidade: por meio da orquestração do prazer sexual

---

1. Psicólogo, terapeuta sexual associado ao Instituto H. Ellis, mestrando em Psicologia Social pela PUC-SP.  
Recebido em 11.03.93

Aprovado em 20.03.93.

feminino pela melhoria das técnicas sexuais masculinas, e por meio da patologização do lesbianismo. Estes contextos mantiveram-se inalterados como verdades científicas presentes em textos até a metade da década de 70. A qualidade moral coercitiva serviu para estruturar a experiência da lésbica sobre si mesma de modo a tirar o lesbianismo da arena política, realocando-o no domínio da patologia pessoal.

A década de 70 e a perspectiva liberal humanista permitiu o desenvolvimento de propostas alternativas de visão sobre o lesbianismo. Assim, neste contexto ideológico, a identidade lésbica contemporânea foi construída e temos, então, uma identidade que não equivale mais às “pecadoras miseráveis” ou às formulações psicanalíticas que implicavam desenvolvimento perturbado, ansiedade de castração não resolvida ou conflitos edípicos, perseguindo outra mulher na fútil tentativa de substituir um clitóris por um bico de peito como fruto de seus problemas.

No entanto, salienta a autora, a identidade lésbica liberal humanística é ativamente promovida, pois reflete a ideologia socialmente sedimentada que funciona como um instrumento de controle social, despoliticizando o lesbianismo, aniquilando o desafio sobre as instituições reificadas da moral dominante e da ordem social. A identidade lésbica contemporânea é promovida pela ordem dominante para reforçar a retórica moral e validá-la.

Neste conlexio liberal humanístico, o comportamento lésbico desvia-se socialmente adequado quando se relaciona o lesbianismo ao amor romântico, onde existe alegria real, e a lésbica pode ajustar-se socialmente...

Conclui Kitzinger que a identidade não é uma propriedade do indivíduo, como é comum discutir-se na Psicologia, mas são construções sociais, promovidas de acordo com interesses políticos da ordem social dominante. Afirma, também, que os oprimidos são ativamente encorajados a construir sua identidade a qual reafirma a validade básica desta ordem moral dominante, e que o discurso liberal humanístico serve a este propósito, suprimindo e desacreditando posturas políticas lésbicas e feministas radicais.

Estes conceitos estão de acordo com os fundamentos filosóficos do materialismo histórico e devem ser considerados na análise clínica dentro da sexologia, implicando uma co-existência com a realidade social e não ingressando nas fileiras ideológicas, tratando ineficazmente pacientes ao mantê-los enclausurados em identidades reificadas e cristalizadas em uma metamorfose (Ciampa, 1990). Esta se re-põe indefinidamente ensimesmando-se e desgastando as possibilidades de mudança de acordo com a própria política de identidade e objetivos de vida. A leitura ideológica da identidade lésbica permite a desmistificação das patologias pelo contexto

lésbico e, conseqüentemente, a responsabilidade política das pessoas envolvidas é restaurada na construção da realidade social.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história de severina. São Paulo, Brasiliense, 1990.*